

**A ÁRVORE E A MADEIRA.  
RECURSOS MADEIREIROS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA  
AMAZÔNIA BRASILEIRA : A QUESTÃO DOS ESPAÇOS PROTEGIDOS.**

Pascale de Robert  
(antropóloga, ORSTOM)

Cai uma árvore gigantesca cortada por uma motosserra levando consigo parte da floresta... Esta imagem, frequentemente mostrada nos documentários sobre a Amazônia, reforça os argumentos ecológicos e a idéia da incompatibilidade radical entre o comércio de madeira e a conservação do meio ambiente. O corte resumiria, em si mesmo, o processo global do desaparecimento das florestas tropicais e todos os outros problemas colocados pela exploração anárquica dos recursos naturais. Mas a árvore cortada é igualmente uma fonte de renda importante e útil para muitos. Ela é a promessa de um futuro melhor para aqueles que, por exemplo, desbravam um pedaço de floresta para instalarem-se ali com suas famílias. A madeira, neste caso, é vista como um recurso abundante e inesgotável, capaz de promover um desenvolvimento econômico formidável.

Assim, a imagem transmitida pela mídia mobiliza tanto os defensores da diversidade biológica como os promotores do desenvolvimento nacional. Desse modo, a exploração e o comércio de madeira na Amazônia promove o surgimento de discursos antagônicos dominados por argumentos ora ecológicos ora econômicos, obscurecendo, em parte, a complexidade do problema. Neste debate - árvore ou madeira - as vozes daqueles que vivem na floresta e da floresta restam muitas vezes esquecidas. Este projeto pretende examinar quais seriam as consequências da exploração da madeira para essas populações. Com quais meios, e sob quais condições este comércio poderia servir à suas aspirações de longo prazo? Quais modelos de recomposição social e identidades culturais este processo comportaria? Se, de um lado, as pressões sobre a exploração de madeiras tendem a se acentuar, de outro, os espaços protegidos por uma

legislação especial (parques, reservas, etc.) são cada vez mais solicitados pelas companhias florestais. Concentraremos primeiro nossa pesquisa no território dos índios Xicrin do Cateté visto que eles possuem uma longa experiência na área de comércio de madeira e que atualmente conduzem um programa inovador.

## **A. DESCRIÇÃO DO PROJETO**

Do total de madeira tropical presente no mercado mundial, somente uma pequena parte origina-se no manejo sustentável de áreas florestais ou/e com participação da populações locais. Admiti-se que uma tal exploração é, na maior parte dos casos, tecnicamente possível mas, na prática, impedida por fatores de ordem essencialmente política.

É importante ter em consideração que o uso dos recursos naturais pode, igualmente, estar relacionado à percepções ou representações distintas da natureza. A questão da madeira deve, portanto, ser abordada nos seus múltiplos aspectos: econômicos e sociais, ecológicos e políticos, ideológicos e identitárias. Para tanto, analisaremos experiências pontuais, bem sucedidas ou não, nas quais os habitantes estão implicados com o comércio de madeira. Serão privilegiados em nossa análise os mecanismos de gestão dos conflitos e contradições ligados a esta atividade.

### **1. A questão da madeira na Amazônia brasileira**

Na Amazônia brasileira, a exploração da madeira com fins comerciais esteve por muito tempo concentrada nas margens dos grandes rios. Caracterizado por uma extração muito seletiva, o impacto sobre a floresta era então pequeno, mas não trouxe grandes benefícios para as populações ribeirinhas (Macedo Silva e Uhl 1992). Desde o final dos anos 60, os programas de colonização promovidos pelo governo privilegiaram a pecuária e a agricultura. Mas, ao mesmo tempo, estes projetos favoreceram os madeireiros, na medida em que as novas estradas facilitavam o transporte dos toras e os migrantes atraídos pela nova fronteira forneceram uma mão de obra barata (Ros-Tonen 1991, Lena et alii 1994, Droulers 1995).

Neste processo, os recursos de madeira são pouco explorados e enormemente desperdiçados. As práticas de desmatamento visam principalmente a regulamentação e a obtenção de títulos de propriedades, além da realização de programas agropecuários subsidiados. Deste modo, a exploração de madeira poderia ser considerada uma atividade secundária nas zonas dos projetos de colonização ou uma simple consequência as dinâmicas pioneiras (Ros-Tonen 1991). Porém, no Brasil, como em outros países, o comércio de madeiras tornou-se a principal causa do desflorestamento (Anderson 1989, Colchester 1990, Verissimo e outros 1992) devido a atração que esta atividade exerce sobre os colonos e os criadores de gado.

Para Trinidad e Uhl (1995), que procuram distinguir diferentes modelos de exploração florestal na Amazônia, o comércio de madeira é uma das condições para o êxito dos projetos de colonização, pois aumenta as possibilidades de viabilização das pequenas propriedades. De fato, a formas e as condições de exploração variam segundo o local ou a "idade" da frente pioneira, mas seria difícil ver e abusivo tentar uma generalização sobre estas experiências (Léna 1986).

### *Produção e técnica*

Ainda que superfícies imensas, destinadas á pastagem, tenham sido simplesmente queimadas ou desmatadas, sem que as suas riquezas vegetais tivessem sido extraídas, a produção de madeira originária da floresta amazônica passou de 4,5 M de m<sup>3</sup> em 1975 à 19,8 M de m<sup>3</sup> em 1985 (Collins 1992:116) e 25,7 M de m<sup>3</sup> em 1987, atingindo hoje em dia 50,0 M de m<sup>3</sup> (Droulers 1995:81). Embora, as técnicas atualmente utilizadas permitam obter somente de 20 à 50 m<sup>3</sup> de madeiras por hectare.

A extração da madeira torna-se muito cara devido à baixa densidade das espécies comercializáveis e os graves danos provocados ao meio florestal (se destroe 4 vezes mais o número de arvores que se extrai). Os cuidados com a vegetação silvestre são praticamente ausentes e uma área explorada só poderá ser reexplorada 90 anos mais tarde (Trinidad et Uhl 1995). Muitos observadores reconhecem que os problemas apresentados pela exploração da madeira na Amazônia estão longe de serem simplesmente técnicos. As autoridades encarregadas da gestão dos recursos madeireiros não têm os meios, ou a ambição, de colocar em prática alguns dos métodos mais eficazes (seleção,

reflorestamento, etc.) conhecidos e praticados em outros lugares. As práticas atuais parecem indicar que a floresta é, ainda, largamente concebida como uma fonte de recursos abundantes e inesgotáveis (Moran 1993).

### *O aumento das pressões*

Independentemente da formidável expansão da sua produção, o Brasil ocupa um lugar modesto na economia mundial de madeira tropical, este ainda dominado pelos países do sudeste da Ásia. Em breve, tal situação deverá mudar e a exploração, já largamente iniciada nas velhas frentes pioneiras (Uhl et alii 1991), se generalizará, pois algumas das madeiras mais apreciadas estão hoje praticamente extintas em outras florestas tropicais.

Neste cenário, a Amazônia constitui a maior reserva de madeira do mundo. Certas espécies poderão trazer fortuna no mercado mundial de madeira. À estas pressões externas, somam-se as pressões regionais que têm atualmente, com o comércio de madeira, uma opção mais interessante do ponto de vista econômico. Com efeito, a fertilidade das pastagens diminuiu e os subsídios que beneficiavam os programas agrícolas e pecuários sofreram muitas restrições. Ao mesmo tempo, a manutenção de uma política expansionista favorece o avanço das frentes de desmatamento.

Todos estes fatores contribuem para que as políticas de proteção da floresta (dever de reflorestamento, espaços protegidos) não sejam respeitadas. A árvore mais procurada, o mogno, já desapareceu em muitos lugares, o seu crescimento é prejudicado em zonas já exploradas (Rodan e Newton 1992) e as fontes de madeiras comercializáveis são, portanto, menos abundantes. Como consequência, a exploração ilegal de madeira em espaços protegidos pela legislação tende a se multiplicar e elas atingem principalmente as terras indígenas (ISA 1995, Verissimo et alii 1995, Giannini 1996). Em 1991, 45% do mogno extraído no sul do Pará era proveniente de terras indígenas e cada uma das quinze reservas da região teria já sido visitada por madeireiros (Verissimo et alii 1995).

## 2. Objetivos da pesquisa

Atualmente, a exploração de madeira em terras indígenas na Amazônia brasileira atinge dimensões significativas e, num primeiro momento, concentraremos a pesquisa sobre este tema. Isto não significará que outras experiências, vividas por outras populações na floresta amazônica, não serão consideradas. Ao contrário, numa perspectiva comparativa tal problemática poderá se colocar como uma continuidade lógica deste projeto. Interrogaremos as condições técnicas, econômicas, políticas, territoriais que tornam possível uma gestão sustentável dos recursos de madeira da floresta. Neste quadro geral, quais são os pontos de vista das sociedades indígenas sobre tal exploração, sobre os intercâmbios que esta atividade possibilita e sobre as mudanças que ela implica ? De que modo estas novas práticas (corte de árvores e venda de madeiras) articulam-se com as formas de uso do meio natural, com as estruturas sociais e com as cosmologias existentes ?

Detentores legítimos de um recurso, hoje em dia raro e caro<sup>1</sup>, os índios se defrontam com um novo episódio na sua história de relações com a fronteira. As essências comercializáveis (neste sentido, comparáveis com o ouro) oferecem um rendimento incomparável com aquele da venda de castanhas. Esta riqueza, garantida por um preço alto de mercado, pode suscitar iniciativas predadoras e destruidoras, construindo um cenário do tipo "corrida pelo mogno". Porém, o ganho obtido pela exploração de madeira pelos índios em suas terras, poderá também servir aos seus próprios interesses. O objetivo geral deste projeto é analisar os processos pelos quais o acesso a esta fonte de renda permite, justamente, conciliar as novas aspirações destas populações sem, necessariamente, representar uma perda da coesão social ou do controle dos recursos naturais.

Neste sentido, quais são os mecanismos de regulação que fazem com que certas sociedades, que talvez valorizam a moderação, consigam superar este dilema, resolver os conflitos (internos e externos) inerentes as leis de mercado e a sua inserção numa rede de trocas mais ampla ? Quais são as novas regras, no que diz respeito as formas de extração, de acumulação e de redistribuição de riquezas, que permitam alcançar o desenvolvimento sustentável ? De que

---

<sup>1</sup> Transformados em tábuas, o metro cubo de mogno pode ser vendido à milhares de dólares nos Estados Unidos (ISA 1995).

modo esta população poderá conquistar ou reforçar sua autonomia com o comércio de madeiras ? Para precisar nossos objetivos é interessante ressaltar os três eixos principais, que orientam de forma sucessiva e complementar a pesquisa.

### *As práticas florestais e os discursos técnicos*

Estudaremos as formas de apropriação ou a reapropriação, de um lado, dos recursos naturais e, do outro, das técnicas necessárias para a sua exploração. A questão fundiária é, por exemplo, essencial. Examinaremos quais são os meios jurídicos, políticos e técnicos necessários para que essas populações possam controlar seus recursos, assumir seu desenvolvimento e limitar as formas de dependência (com os intermediários da produção de madeiras, entre outros). Os discursos e as justificativas dos diferentes atores, assim como os textos legislativos dos espaços protegidos merecerão nossa atenção : Qual é o processo que permite ser reconhecido como detentor de um saber específico ? Os conflitos relativos aos diferentes modos de uso das árvores podem revelar prioridades contraditórias bem como abusos e manipulações. A floresta "virgem", que alguns querem conservar, teria alguma coisa a ver com a "floresta"-plantação que outros querem implantar para explorar ? Quais são as formas de legitimação de controle dos recursos naturais ? Estudaremos, obviamente, as eventuais diferenças entre discurso e prática.

### *As recomposições sociais pelas "estratégias da madeira"*

Analisaremos os efeitos da participação no comércio de madeiras na organização das sociedades indígenas e no modo de gestão das mudanças trazidas por esta nova atividade. Quais são as diferentes opções ou "estratégias" desenvolvidas em relação com a exploração de madeira ? Um interesse particular será dedicado aos processos de decisões coletivas ou individuais e aos papéis eventuais dos líderes e assessores (chefe local, agente externo, etc) nesta questão. Qual é o uso que se faz da renda da madeira ? Isso serviria necessariamente a uma integração ao mercado de modo indiferenciado ? Ou, ao contrário, afirmaria uma independência econômica e política, ou ainda uma identidade própria ? De quais meios dispõem estas populações para limitarem as iniciativas individuais que poderiam comprometer a realização do "projeto

político", quando ele existe ? Estudaremos, certamente, os mecanismos de diferenciação social, as alterações ou o reforçamento das estruturas tradicionais (certos rituais valorizados, por exemplo).

### *As percepções do meio ambiente e a questão da identidade*

Este terceiro tema deverá atravessar toda a pesquisa. Analisaremos como se transforma (ou não) a idéia que os habitantes têm da sua "floresta", quando implicados na exploração de árvores. Como, ao mesmo tempo, se transforma (ou não) a imagem que a sociedade tem dela mesma ou aquela que apresenta aos outros. Se admitirmos que agimos sobre o meio ambiente em função das representações simbólicas à ele relacionadas, é necessário reconhecer que a nossa noção "de meio ambiente natural", muitas vezes evocadas, não existe em outras sociedades, onde a dicotomia entre "natureza" e "cultura" não faz sentido. Será que o corte e a venda dessas gigantescas árvores afetará tanto os habitantes indígenas da floresta como os ecologistas convictos ? O fato de levar adiante uma exploração comercial dos recursos de madeira suporia, por parte dos índios, uma espécie de "sincretismo ecológico", onde as representações ameríndias da natureza seriam reconsideradas ? Isso exigiria, igualmente, uma reformulação da sua identidade ? Estudaremos de modo aprofundado a importância da árvore em geral, mas também das suas diferentes essências, nas tradições e cosmologias indígenas. Como são expressas as eventuais correspondências entre as categorias do "vegetal" e do "humano" ? Enfim, analisaremos quais são as articulações existentes entre os discursos sobre o meio ambiente e aqueles sobre a sociedade .

## **B. O TRABALHO DE CAMPO**

Muitas áreas indígenas (seja qual for seu estatuto) contém árvores de alto valor comercial e portanto, são expostas ao risco de uma invasão anárquica. Mesmo que o corte ou o desmatamento com fins comerciais seja ilegal ou, pelo menos, muito regulamentado, as madeiras encontram, na maioria das vezes, os meios para extrair os troncos preciosos, com ou sem acordo dos habitantes (Greenbaum 1990, Balée 1990, ISA 1995, Veríssimo e outros 1995). Este tráfico, em grande parte ilegal, traz consequências ecológicas e sociais, cuja

amplitude ainda é mal conhecida. Está igualmente na origem dos sérios conflitos entre os diversos interessados (instituições, ONGs, madeireiras, habitantes). Neste momento em que as pressões sobre os recursos de madeira se intensificam, o controle dos territórios indígenas torna-se uma questão essencial.

A pesquisa poderá ser realizada nas terras dos índios Kayapó e num primeiro momento, entre os Xicrin do Cateté, no estado do Pará. Diversos motivos nos levaram a esta escolha. Trata-se de um território atraente para as companhias madeireiras, já foram objetos de pesquisas na área de ecologia florestal e etnoecologia. Além disso, os Kayapó, frente a exploração de madeiras em suas florestas, desenvolveram diversos tipos de estratégias individuais e coletivas. Tais iniciativas tiveram efeitos diversos e poderão ser relacionadas com as reivindicações territoriais, políticas e identitárias. Neste sentido, a experiência dos Xicrin do Cateté parece ser particularmente interessante.

### **1. Os Kayapó, ecologistas e comerciantes de madeira**

Os Kayapó vivem no estado do Pará, ao norte do estado de Mato Grosso, seu território situa-se entre os rios Xingú e Tocantins. Sua população é hoje de cerca de 3.500 pessoas, divididos em três grupos principais: os Gorotire, os Xicrin e os Mekranoti. Suas línguas são mutuamente inteligíveis e estão classificadas na família linguística Gê. Devido à numerosas pesquisas realizadas com os diferentes grupos, os Kayapó tornaram-se uma importante figura na antropologia indígena<sup>2</sup>. Estes trabalhos constituem, evidentemente, um apoio precioso para o presente projeto devendo, igualmente, facilitar uma perspectiva comparativa entre os Xicrin e outros grupos Kayapo sobre o tema árvore ou madeira. Os Kayapó ocupam também um lugar importante no cenário etnopolítico amazônico, tendo-se destacado por ações coletivas que obtiveram um certo sucesso inclusive internacional<sup>3</sup>. Salientaremos alguns dos aspectos do grupo que apresentam um interesse particular para o estudo da exploração de madeira e dos desafios que isto representa para ele.

---

<sup>2</sup> Ver os trabalhos de T. Turner e J. Bamberger do projeto Harvard - Brasil Central; aqueles de S. Dreyfus, G. Verswijver, L. Vidal, D. Posey, L. Gianinni, W. Fisher, V. Lea, que publicaram suas pesquisas sobre os diferentes grupos Kayapó.

<sup>3</sup> Ver por exemplo no jornal Le Monde: "Des indiens en colère à Altamira" (28.02.89) ou "La campagne pour sauver la forêt amazonienne" e "Sting et ses Indiens" (15.04.89).



### *Os territórios cobiçados pelas suas árvores*

Na Amazônia, a grande parte das serrarias se concentram nos estados do Pará e de Rondônia, mas é precisamente no Pará onde se produz o essencial de toras de madeira (Droulers 1995:80). As madeiras de Belém e de Paragominas, assim como o programa Grande Carajás (devido a sua necessidade de carvão, principalmente) drenam e consomem grandes quantidades de madeiras e dispõem de meios eficazes para obtê-las (Fearnside 1989, Vidal 1990, Veríssimo e outros 1992). A exploração e o comércio de madeiras são, portanto, atividades importantes na região e ainda deverão se desenvolver. Constituem um foco de conflitos e de interesses diversos e, há muito tempo, sabe-se que as madeiras aproveitam-se legalmente ou não, dos recursos madeireiros das terras indígenas (Greenbaum 1990, Verissimo et alii 1995). Nessas condições, é mais do que provável que os índios serão ainda muitos solicitados para suas madeiras.

### *A ecologia entre os Kayapó*

Entre os "povos da floresta" alguns, mais do que outros, ganharam uma fama de "ecologistas" por seus conhecimentos e o seu manejo da floresta. É o caso dos índios Kayapó, em particular os Gorotire, cujos conhecimentos e o *savoir faire* relativos ao meio natural foram objetos de numerosos estudos que descreveram, por exemplo, taxinomias detalhadas (insetos, solos, plantas), práticas agrícolas complexas e um refinado conhecimento do meio natural em geral (Werner 1983, Posey 1985, Hecht e Posey 1989). Estes trabalhos, onde pode-se reconhecer posições ideológicas (Parker 1992), contribuíram para uma aproximação entre o discurso ecológico e o indígena sobre a Amazônia<sup>4</sup>. Os Kayapó formulam, atualmente, suas reivindicações territoriais e políticas fazendo uso de conceitos (ou ao menos de palavras chaves) veiculados pela ecologia militante, adquirindo, deste ponto de vista, uma audiência internacional (Fisher 1994, Albert 1995). Será que eles se reconhecem nesta imagem estereotipada do "Índio vivendo em simbiose com a floresta" ? Poderia

---

<sup>4</sup> Este sem dúvida serve aos povos da floresta, no sentido que sensibilizam a opinião pública com os seus problemas. porém, ao mesmo tempo ele apresenta o seu lado perigoso, quando a causa e o destino dos índios e dos seringueiros acabam por serem confundido com aquele destino da floresta tropical (Descola 1985, Aubertin 1995)

parecer contraditório, neste caso, promover a exploração de madeira no seio de sua própria floresta. No entanto, se por um lado os Kayapó apresentam-se como ecologistas e defensores das árvores, eles são também, às vezes, comerciantes de madeira.

### *A árvore ou a madeira ?*

Enquanto certos grupos denunciam o roubo de madeira de suas terras, outros se manifestam ativamente para obterem a autorização de venda de suas árvores (Greenbaum 1990). Seria interessante analisar os argumentos desenvolvidos nessas ocasiões : reivindicação de um direito à autodeterminação ? vontade de reconhecimento de um saber tradicional adaptado (gestão dos estágios de recuperação florestal, por exemplo) ?

Graças aos ganhos obtidos com o comércio de madeira e com as royalties sobre o ouro, os Gorotire financiaram, entre outras coisas, estradas, uma escola, uma enfermaria, a administração de suas fronteiras e o trabalho de especialistas não índios. Este sucesso foi interpretado como sendo uma das evidências da excepcional capacidade dos Kayapó em "incorporar e dominar aspectos da cultura nacional" (Turner 1993:43). Porém, a exploração de madeira nas terras indígenas causou sérios danos no meio florestal, problemas sanitários e um processo de diferenciação social, dando lugar a conflitos internos.

Finalmente, será que os índios, ao venderem seus mognos, não fazem mais que "ceder às pressões regionais" (ISA 1996:6) sendo "corrompidos e manipulados pelas empresas de madeira" (Greenbaum 1990:102), ou experimentam a "colonização dos colonizadores" (Turner 1993:48) ? Certamente, a resposta não pode ser simples e não é nem mesmo certo que este paradoxo seja vivido como tal pelos Kayapó. Estes poderiam, por exemplo, utilizar simultaneamente as suas reputações de "selvagem sanguinário" e de "bom selvagem" (idem). Mas, afinal, é possível ser índio e vender sua floresta ?

Podemos então nos perguntar como eles podem resolver o dilema e decidir dos limites da extração ou do desflorestamento. Será que o fato de colaborar com os madeireiros supõe uma redefinição de identidade ? De quais meios dispõem os índios para oporem-se às pressões das madeiras ? A exploração de madeira para fins comerciais não é uma "atividade tradicional" (pelo menos ainda não é) e por esta razão talvez, ela é raramente comparada ao extrativismo. Sobre este tema, será particularmente interessante analisar o lugar

que a árvore ocupa na cosmologia Kayapó.

As recomposições das identidades sociais deste grupo tendem para o "compromisso", a "negociação" e a "ambivalência" (Turner 1993, Albert 1995). Os diversos trabalhos mostraram que os Kayapó apropriam-se com muito interesse e facilidade de cantos ou rituais vindos do exterior (Vidal 1977, Lea 1986). De acordo com um processo de "fagocitose social" ou "predação cultural", que seria próprio às sociedades Gê (Carneiro da Cunha 1993:79). As práticas ligadas ao comércio de madeira poderiam seguir o mesmo caminho? A questão é a de saber se os Kayapó adotarão técnicas de exploração menos destruidoras; se eles irão encontrar, neste processo, uma maneira de conciliar, de um lado, princípios de conservação do meio florestal e, de outro lado, os objetivos do desenvolvimento econômico, em outras palavras, inventar ao seu modo um desenvolvimento sustentável.

## **2. O projeto de desenvolvimento sustentável dos Xicrin do Cateté**

A população Xicrin do Cateté é hoje de 546 pessoas (ISA 1996). O grupo foi contatado em 1952, sofrendo em seguida uma terrível perda populacional: há cerca de trinta anos, sua população não passava de 94 indivíduos. Suas terras, demarcadas em 1977 e homologadas em 1983, situam-se entre os rios Cateté e Itacaiunas, no estado do Pará, ocupando aproximadamente 440.000 hectares. Nesta região de terra-firme rica em castanha e mogno, é cultivada sobretudo a mandioca, base da dieta alimentar. Periodicamente, realizam acampamentos na floresta vivendo, então, de caça e colheita. Desde 1968, as castanhas são também comercializadas (Vidal 1977,1985).

### ***Os exploradores de mogno e os Xicrin***

Entre os Kayapó, os Xicrin do Cateté seriam talvez os mais relacionados com as companhias florestais. Eles se encontram próximos dos grandes projetos agropecuários de colonização, assim como da área de influência do projeto Carajás. Enfim, suas terras se encontram na "cintura do mogno" amazonense e também próximas da zona industrial de madeiras de Tucumã (Veríssimo e outros 1995). Como apontam estes autores, a *Swietenia macrophylla* K. é atualmente a essência de maior valor comercial da floresta Amazônica e

aproximadamente um terço dessas árvores se encontram em terras indígenas. Desde 1975, milhares de m<sup>3</sup> de mogno foram daí extraídas.

Devido a presença em seu território deste precioso material, os Xicrin do Cateté desde há muito tempo sofrem incursões das madeireiras nas fronteiras e mesmo no interior de suas terras. Essas invasões clandestinas deram origem a sérios e repetidos enfrentamentos, chegando mesmo a tomada de reféns (Vidal 1985). No final dos anos 80, após este período de resistência ativa, os Xicrin finalmente aliam-se às empresas de madeiras formalizando alguns contratos. Os Kayapó foram, sem dúvida, os primeiros índios a venderem madeiras das suas terras, tendo recebido neste processo a assessoria da FUNAI (Verissimo et alii 1995).

As novas riquezas adquiridas através da venda de madeiras, deram origem a diversos conflitos internos entre os Xicrin. As alianças feitas pelos novos líderes são mal vistas pelo resto da população e contribuem para a desestabilização das instituições tradicionais. Embora, com menos ostentação que entre os Gorotire, uma nova elite acumula riquezas. Os danos provocados à vegetação e os problemas de ordem econômica, são já visíveis. A reincidência de algumas doenças indica a degradação do estado sanitário desta população (ISA 1996, Greenbaum 1990). Lembramos, que os trabalhos consultados não fornecem dados "positivos" do uso da renda obtida com a comercialização da madeira entre os Xicrin.

Em 1992, estes índios decidem expulsar as empresas de madeira fora de seu território, abrindo processo civil contra algumas delas, e propõem, como alternativa econômica, a exploração por eles próprios dos recursos florestais (ISA 1996). Esta iniciativa inovadora merece uma atenção particular. É importante notar que dela nasceu um projeto onde diversas organizações se associaram para a gestão do território<sup>5</sup>. Este, por sua vez, se propunha a associar os conhecimentos dos Xicrin e aqueles dos engenheiros florestais (científicos), procurando organizar no espaço e no tempo, diferentes formas de uso dos recursos naturais incluindo a exploração da madeira e a recuperação dos áreas já desmatadas. Este projeto está atualmente em curso.

---

<sup>5</sup> Trata-se de um programa intitulado "Projeto de uso sustentável de recursos naturais e recuperação de áreas degradadas"; cf ISA (1996:6).

### *Alguns objetivos específicos da pesquisa*

A experiência dos Xicrin é rica e apresenta muitos tipos de estratégias frente a exploração da madeira. Ela deverá dar elementos para o estudo das causas e efeitos destas diferentes escolhas: dez anos de resistência ativa, quatro anos de colaboração com as madeireiras e um projeto de exploração autônomo. Estas experiências testemunharam, certamente, processos de recomposição social e de identidades no seio da sociedade Xicrin, assim como na história de seu contato com a sociedade nacional. São precisamente estas as questões que propomos pesquisar.

Analisaremos, por exemplo, os testemunhos orais e escritos dos Xicrin e não Xicrin, naquilo que diz respeito aos diversos conflitos que marcaram a história local da madeira. São acontecimentos que aparecem como reveladores e catalizadores das dinâmicas sociais. Quais são os atores principais nas decisões e mudanças dos projetos (líderes Xicrin, ONG, madeireiros ou outros) qual é o papel e a margem de influência de cada um deles ? Quais são as prioridades para a sociedade Xicrin, no curso de cada uma daquelas três fases e quais são os meios que eles dispõem para atingirem seus objetivos ?

Os intercâmbios entre os grupos Kayapó e entre índios e não índios tendem a aumentar, o que deverá marcar as políticas sobre os recursos naturais. Daremos uma atenção especial aos discursos, atuais e passados, de um lado, sobre a exploração da madeira e, do outro, sobre as mudanças observadas tanto no interior da sociedade como nas relações com o exterior e com o seu meio natural. Durante a colaboração com as madeireiras os Xicrin obtiveram muitos ganhos monetários ; quais foram os usos destas riquezas e quais foram as consequências para a sociedade ?

Neste estudo diacrônico sobre a exploração de madeira nas terras Xicrin, a cartografia poderá ser um instrumento privilegiado. As imagens (fotografias aéreas, SPOT, etc) nos informarão sobre a situação da cobertura vegetal em épocas diferentes. Apontando com isso, algumas consequências (ecológicas, econômicas) da extração das essências comerciais naquele espaço. Analisaremos as interpretações destas imagens feitas tanto por especialistas como pelos índios. Este será também um modo de abordar e analisar as relações com a mudança assim como as percepções do meio florestal. Além disso, no projeto do ISA está previsto um importante trabalho cartográfico em colaboração com os índios e, por fim, os Xicrin parecem ter um certo interesse pela representação gráfica do

espaço (Vidal 1977, cf; fig 1 à 8).

A realização do programa de desenvolvimento sustentável dos Xicrin será acompanhada com muita atenção (enquanto observadora, ou como participante, segundo as possibilidades). Nesta área nos interessam particularmente as iniciativas dos habitantes, os intercâmbios a nível das praticas e dos conhecimentos do meio florestal, a evolução dos discursos sobre a floresta. Os pesquisadores brasileiros envolvidos neste projeto colaboram com alguns dos membros (brasileiros e franceses) do programa "*Povoameto, identidades e meio ambiente*". Uma colaboração estreita é portanto perfeitamente possível.

### C. CALENDÁRIO DO TRABALHO

A realização desta pesquisa é prevista em três anos, de 1996 à 1999. Suas diferentes etapas estão planejadas da seguinte maneira:

Os seis primeiros meses serão consagrados à pesquisa bibliográfica, trabalho de arquivos (imprensa, relatórios) e à coleta de diversos materiais junto à diferentes instituições brasileiras. Prevemos um primeiro período de familiarização com o Museu Goeldi, que nos acolhe, assim como, com os pesquisadores residentes em Belém com os quais somos associados. Ainda antes do final de 1996 será necessário organizar uma primeira viagem de estudos em outras cidades brasileiras para consultar, principalmente :

1. Os arquivos da FUNAI e do IBAMA em Brasília : questões territoriais, legislação dos espaços protegidos, os diversos compromissos destas instituições sobre a questão da madeira em terras indígenas e suas relações com os conflitos locais, mais especificamente no estado do Pará.
2. O do Instituto Sócio Ambiental-ISA em São Paulo que possui muitos documentos sobre esta problemática. Esta visita permitirá, particularmente, o contato com os pesquisadores (ciências sociais e ciências florestais) comprometidos com o programa de desenvolvimento sustentável dos Xicrin do Cateté, além de discutir os termos para uma possível contribuição neste projeto. Na Universidade de São Paulo, realizaremos outros encontros com os professores e pesquisadores na área de ciências sociais, entre eles contataremos a professora Lux Vidal, antropóloga especialista dos Xicrin do Cateté.
3. Também serão visitadas as bibliotecas e o Museu Nacional do Rio de Janeiro,

onde o contato com diversos pesquisadores será de grande importância para o projeto. Estão previstas reuniões com os seguintes pesquisadores: Eduardo Viveiros de Castro, Vanessa Lea e João Pacheco de Oliveira.

Esta primeira etapa permitirá, de um lado, precisar a problemática e, de outro lado, preparar a primeira estadia entre os Xicrin do Cateté. Este deverá acontecer durante o primeiro trimestre do próximo ano, com uma duração prevista de, no mínimo, um mês. Um trabalho de introdução à uma pesquisa "participante" será organizado. Uma primeira familiarização com a língua Xicrin é prevista assim como o planejamento de entrevistas e questionários entre os funcionários e os "especialistas" da madeira (exploradores, proprietários de madeiras, técnicos) influentes na região. Em seguida à esta estadia redigiremos um primeiro relatório sobre os avanços e as novas orientações da pesquisa. A partir destes resultados organizaremos a segunda estadia, desta vez mais longa.

Estão previstos vários meses de pesquisa de campo a cada ano entre os Xicrin do Cateté. Um retorno à Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro será necessário, seja para aprofundar e atualizar a pesquisa de documentação, como para as reuniões com pesquisadores associados, e a discussão do trabalho. As incursões em outros lugares de estudo serão consideradas segundo a seguinte perspectiva: outros grupos Kayapó; outras sociedades indígenas ainda a margem da fronteira e menos comprometidas com a exploração de madeira e a sociedade brasileira; seringueiros ou camponeses. Além da associação com pesquisadores brasileiros e franceses envolvidos com o programa "*Povoamento, identidades, meio ambiente*", é possível uma colaboração com outros pesquisadores interessados em certos temas específicos (por exemplo, análise de imagens SPOT, Universidade de Avignon). Finalmente, o último ano será essencialmente dedicado a organização dos resultados da pesquisa e à redação de diversos trabalhos (artigos e comunicações).

#### D. BIBLIOGRAFIA

- Albert,B. (Ed). 1990. *Brésil : Indiens et développement en Amazonie. Ethnies*. Vol. 5. N°11-12.
- Albert,B. 1995. "Territorialité, ethnogénèse et développement : note sur les 'terres indigènes' et le mouvement indien en Amazonie brésilienne". Communication présentée au colloque : *Le territoire : lien ou frontière ? Identités, conflits ethniques, enjeux et recompositions territoriales*. ORSTOM-SUD/Univ. Paris IV-LEC.
- Amend,S. et T. (Eds.). 1992. *¿ Espacios sin habitantes ? Parques Nacionales de América del Sur*. UICN/Ed. Nueva Sociedad. Caracas.
- Anderson,A.B. 1990. *Alternatives to Deforestation : steps toward sustainable use of the Amazon rainforest*. Colombia University Press. N.Y.
- Anderson,P. 1989. "The myth of sustainable logging". *The Ecologist*. 19(5). pp. 166-168.
- Aubertin,C. 1995. "Les "réserves extractivistes": un nouveau modèle pour l'Amazonie?". *Natures, Sciences, Sociétés*. N°3(2). pp.102-115.
- Balée,W. 1989. "The Culture of Amazonian Forests". *Ressource Management in Amazonia: Indigenous and Folk Strategies*. Posey,D.A. et Balée,W. (Eds.). *Advances in Economic Botany*. Vol. 7. Bronx, NY. pp. 1-29
- Balée,W. 1990. "Ka'apor : forêt en otage dans l'Etat du Maranhão". *Ethnies*. Vol. 5. N°11-12. pp.106-110.
- Balée,W. 1993. "Biodiversidade e os Indios amazônicos". *Amazônia : Etnologia e História Indígena*. Viveiros de Castro,E. et Carneiro da Cunha,M. (Eds.). NHII/USP/FAPESP. pp.385-393.
- Browder,J. 1986. *Logging the rainforest : A Political Economy of Timber Extraction and Unequal Exchange in the Brazilian Amazon*. Ph.D. diss. Univ. of Pennsylvania.
- Browder,J. 1988. "Public Policy and Deforestation in the Brazilian Amazon". *Public Policies and the Misuse of Forest Resources*. Repetto,R. et Gillis,M. (Eds.). Cambridge Univ. Press/World Resources Institute. N.Y.
- Browder,J. 1992. The limits of extrativism. *Bioscience* 42 (3) : 174-182.
- Carneiro da Cunha,M. 1993. "Les Etudes Gé". *L'Homme*. 33 (2-4). pp. 77-93.
- Conklin,B.A. et Graham,L.R. 1995. "The shifting middle ground : amazonians indians and eco-politics". *American Anthropologist*. N°4. Vol.97. pp.695-710.
- Colchester,M. 1990. "The International Tropical Timber Organization : Kill or Cure for the Rain Forests ?". *The Ecologist*. 20(5). pp. 166-173.
- Colchester,M. 1992. "La crise des forêts tropicales: causes et solutions". *Des forêts sous la coupe*. ORCADES. Poitiers. pp.149-172.
- Collins,M. 1992. *Les forêts tropicales*. IUCN/SOLAR. Paris.
- Denevan,W. et alii. 1984. "Indigenous agroforestry in the peruvian amazon : Bora Indian and management of swidden fallows". *Interciencia*. Vol. 9. N°6. pp.346-357.



- Descola, Ph. 1985. "De l'Indien naturalisé à l'Indien naturaliste : sociétés amazoniennes sous le regard de l'occident". *Protection de la nature : histoire et idéologie*. Cadoret, A. (Ed.). L'Harmattan. pp.221-235.
- Descola, Ph. 1986. *La nature domestique. Symbolisme et praxis dans l'écologie des Achuars*. Editions MSH. Paris.
- Descola, Ph. et Taylor, A.Ch. (Eds.). 1993. *La remontée de l'Amazonie. Anthropologie et histoire des sociétés amazoniennes*. *L'homme*. N°126-128.
- Droulers, M. 1995. *L'Amazonie*. Nathan Université.
- Eglin, J. et Théry, H. 1982. *Le pillage de l'Amazonie*. Maspero. Paris.
- Ellen, R. 1985. "Patterns of indigenous timber extraction from Moluccan rain forest fringes". *Journal of Biogeography*. N°12. pp.559-587.
- Fabiani, J.L. 1985. "Sciences des écosystèmes et protection de la nature". *Protection de la nature. Histoire et idéologie: de la nature à l'environnement*. Cadoret, A. (Ed.). L'Harmattan. Paris. pp.75-93.
- Fearnside, P.M. 1989. "Forest management in Amazonia: the need for new criteria in evaluating development options". *Forest ecology and management* 27:71-79.
- Fisher, W.H. 1991. *Dualism and its Discontents: Social Process and village fisioning among the Xikrin-Kayapó of Brazil*. Thèse, PhD. Cornell University.
- Fisher, W.H. 1994. "Megadevelopment, environmentalism and resistance : the institutional context of Kayapó indigenous politics in Central Brazil". *Human Organization*. Vol. 53. N°3. pp. 220-232.
- Gallois, D. 1990. "L'or et la boue. Cosmologie et orpaillage waiãpi". *Ethnies*. Vol.5. N°11-12. pp.50-55.
- Giannini, I. 1996. "Predação ilegal do mogno continua : alguém duvida ?". *Parabolicas*. N°16. p.6.
- Godelier, M. 1984. *L'idéal et le matériel*. Fayard. Paris.
- Greenbaum, L. 1990. "Pillage du bois dans les terres indiennes". *Ethnies*. Vol. 5. N°11-12. pp.101-105.
- Hallé, F. 1986. "Un système d'exploitation ancien mais une interface scientifique nouvelle : l'agroforesterie dans les régions tropicales". Chatelin, Y. et Riou, G. (Ed.). *Milieus et Paysages*. Masson. Paris. pp.37-53.
- Hecht, S.B. et Posey, D.A. 1989. "Preliminary results on soil management techniques of the Kayapó Indians". *Ressource Management in Amazonia : Indigenous and Folk Strategies*. Posey, D.A. et Balée, W. (Eds.). *Advances in Economic Botany*. Vol. 7. Bronx, NY. pp.174-188.
- Irvine, D. 1989. "Succession management and rainforest distribution in an Amazonian rainforest". *Ressource Management in Amazonia : Indigenous and Folk Strategies*. Posey, D.A. et Balée, W. (Eds.). *Advances in Economic Botany*. Vol. 7. Bronx, NY.
- ISA. 1995. "O Auschwitz Florestal Brasileiro". *Parabolicas*. N°3. pp. 4-5.
- ISA. 1996. "Xikrim tentam progresso sustentável no Pará". *Parabolicas*. N°12. p.6.
- Laques, A.E. 1993. *Dynamique d'un front pionnier en domaine forestier tropical : le cas de Ticoporo*. Thèse . Univ. le Mirail. Toulouse.

- Léa, V. 1986. *Nomes e nekrets kayapó. Uma concepção de riqueza*. Thèse de doctorat. Museu Nacional. Rio de Janeiro.
- Lefeuvre, J.C. 1989. "L'écologie ne peut plus être une réflexion sur la nature". *Du rural à l'environnement: la question de la nature aujourd'hui*. Mathieu, N. y Jollivet, M. (Eds.). L'Harmattan. Paris. pp.23-30.
- Léna, Ph. 1986. "Aspects de la frontière amazonienne". *Cahiers des Sciences Humaines*. N°22 (3-4). pp.319-343.
- Léna, Ph. et alii. 1994. "Brésil : enjeux amazoniens". *ORSTOM Actualités*. N° 42. pp.14-20.
- Macedo Silva, J.N. et Uhl, Ch. 1992. "Atividade madeireira como uma alternativa viável para a utilização sustentada dos recursos florestais na Amazônia brasileira". *SIMDAMAZÔNIA. Anales du Seminario Internacional sobre Meio Ambiente, Pobreza e Desenvolvimento de Amazônia*. PRODEPA / Gov. Edo. Pará. Belém. pp.257-261.
- Moran, E.F. 1993. *Through Amazonian eyes, The human ecology of amazonian populations*. University of Iowa Press.
- Pandolfo, C. 1974. *Estudos básicos para o estabelecimento de uma política de desenvolvimento dos recursos florestais e de uso racional das terras da Amazônia*. MINTER/SUDAM. Belém.
- Parker, E. 1992. "Forest islands and Kayapó resource management in Amazonia : a reappraisal of the Apêtê". *American Anthropologist*. Vol.94. N°2. pp.406-428.
- Parker, E. 1993. "Fact and fiction in Amazonia: the case of the Apêtê". *American Anthropologist*. Vol.95. N°3. pp.715-723.
- Posey, D. 1985. "Indigenous management of tropical forest ecosystems : the case of the Kayapo Indians of the Brazilian Amazon". *Agroforest. Sys.* 3: 139-158.
- Reichel-Dolmatoff, G. 1976. "Cosmology as ecological analysis: a view from the rain forest". *Man*. N°11. pp.307-318.
- Rodan, B., Newton, A. et Verissimo, A. 1992. "Mahogany conservation : status and policy initiatives". *Environmental Conservation*. Vol. 19. N°14. pp.331-338.
- Ros-Tonen, M.A.F. 1991. "Incorporation of the Brazilian Amazon region and the development of the timber industry". *The incorporate drive : examples from Latin America*. Kleinpenning, J.M.G. (Ed.). Saarbrücken/Fort Lauderdale, Verlag Breitenbach Publishers. Nijmegen *Studies in Development an Cultural Change*, 8. pp. 74-100.
- Ros-Tonen, M.A.F. 1992. "Timber exploitation and colonization of the Brazilian Amazon region". *Amazonia, Ecology and Sustainable Development*. Pansters, W. (Ed). 19p.
- Thiébaud, L. 1988. "Pouvoir politique et protection de la nature". "Chasser le naturel...". Cadoret, A. (Ed.). *Cahiers des Etudes Rurales*. N°5. pp81-92.
- Toledo, V. 1992. "What is Etnoecology ? Origins, scope and implications of a rising discipline". *Etnoecológica*. Vol.1. N°1. pp.5-21.
- Trindade de Almeida, O. et Uhl, C. 1995. "Developing a Quantitative Framework for Sustainable Resource-Use Planning in the Brazilian Amazon". *World*

- Development*. Vol. 23. N°10. pp. 1745-1764.
- Turner, T. 1991. "Representing, resisting, rethinking. Historical transformations of Kayapó culture and anthropological consciousness". *Post-colonial situations. Essays in the contextualisation of ethnographic knowledge. History of Anthropology*, 7. Stocking, G. (Ed.). Univ. Wisconsin Press. pp.285-313.
- Turner, T. 1992. "Le langage symbolique de la décoration corporelle". *Kaiapó. Amazonie. Plumes et peintures corporelles*. Verswijver, G. (Ed.). Musée royal de l'Afrique Centrale. Tervuren. Snoeck/Ducajou et Zoon, Gent. pp.27-35.
- Turner, T. 1993. "De cosmologia a história : resistência, adaptação e consciência social entre os Kayapó". *Amazônia : Etnologia e História Indígena*. Viveiros de Castro, E. et Carneiro da Cunha, M. (Eds.). NHII/USP/FAPESP. pp.43-66.
- Uhl, C. et alii. 1991. "Social, economic, and ecological consequences of selective logging in an Amazon frontier : the case of Tailândia". *Forest Ecology and Management*. Vol. 46. pp. 243-273.
- Uhl, Ch. et Vieira, I. 1989. "Ecological Impacts of Selective Logging in the Brazilian Amazon". *Biotropica*. N°21 (2). pp.98-106.
- Verissimo, A. et alii. 1992. "Logging impacts and prospects for sustainable forest management in an old Amazonian frontier : the case of Paragominas". *Forest Ecology and Management*. Vol. 55. pp. 169-199.
- Verissimo, A. et alii. 1995. "Extraction of a high-value natural resource in Amazonia : the case of mahogany". *Forest Ecology and Management*. Vol. 72. pp. 39-60.
- Vidal, L. 1977. *Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira. Os Kayapó-Xikrin do Rio Cateté*. HUCITEC. São Paulo.
- Vidal, L. 1985. "Xicrin do Cateté". *Povos Indígenas no Brasil. Sudeste do Pará (Tocantins)*. Vol. 8. CEDI. São Paulo. pp.122-149.
- Vidal, L. 1990. "Le programme Grand Carajas et la question indienne". *Ethnies*. Vol. 5, N°11-12. pp.72-80.
- Viveiros de Castro, E. et Mendonça Morato de Andrade, L. 1990. "Barrages du Xingu : l'Etat contre les sociétés indigènes". *Ethnies*. Vol.5, N°11-12. pp. 64-71.
- Viveiros de Castro, E.B. 1995. "Images of nature and images of societies in Amazonian ethnology". *Annual Review of Anthropology*. N°25.
- Werner, D. 1983. "Why do the Mekranoti trek ?". *Adaptative Responses of Native Amazonians*. Hames, R. et Vickers, W.T. (Eds.). Academic Press. N.Y. pp. 225-238.

Pascale de Robert  
Laboratoire de Sciences Sociales  
ORSTOM  
32, avenue Henri Varagnat  
93 143 BONDY cedex. FRANCE.

Fax : (33) 48 47 30 88.

Atencion de  
Dr. Carlos Alberto RICARDO  
ISA, São Paulo

Bondy, 10 de mayo del 1996

Estimado Dr. Ricardo,

Por la presente, quiero informarle de mi ultimo proyecto de investigacion y ante todo, espero que me disculpara por escribirle en español... Gracias por su comprension. Aprovecho el viaje de Bruce Albert para hacerle llegar esta carta, esperando conocerlo pronto y, eventualmente, tener la oportunidad de trabajar en relacion estrecha con el ISA. Por lo tanto, este primero contacto es de suma importancia para mi.

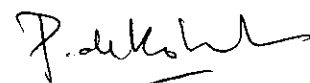
Desde hace unos meses, trabajo en la ORSTOM como antropologa e integré el programa "Povoamento, identidades, meio ambiente..." cuyo responsable es Philippe Léna. Allí, preparo una investigacion sobre la cuestion de la explotacion de la madera entre los Xicrin del Cateté. Como se podra dar cuenta al leer el proyecto que le mando, todavia no soy ninguna especialista en cuanto a Amazonia... Luego de una formacion universitaria en ciencias naturales (geologia, ecologia) y en ciencias humanas (etnologia, antropologia), realice una tesis en ecologia sobre las practicas agricolas de los campesinos de un parque nacional de los Andes de Venezuela (Universidad de Los Andes, Mérida). Despues, continúe aquel trabajo con otra tesis de doctorado (antropologia) que analiza las relaciones entre los usos y las representaciones del medio ambiente en esta misma sociedad campesina (EHESS, Paris).

En el marco del programa "Povoamento, identidades, meio ambiente...", la cuestion de la explotacion de la madera en las tierras indigenas me parece particularmente interesante. Bruce Albert asi como Philippe Léna me ayudaron en desarrollar esta problematica. Tambien debo subrayar que la eleccion de una investigacion entre los Xicrin tiene por origen la lectura de un articulo de Parabolicas en donde se presenta un proyecto de desarrollo sustentable sumamente interesante y en el cual el ISA parece muy comprometido.

Por estas razones, me permito mandarle hoy el proyecto adjunto esperando que lo podra interesar, esperando tambien sus criticas, sus consejos y su apoyo. Tengo mucho interes en conocerlo y en visitar el Instituto al llegar a Brasil. Como se lo podra decir Bruce, deberia integrar pronto el Museu Goeldi de Belém.

Agradeciendolo por su atencion y esperando que seguiremos en comunicacion, le mando mis mejores salutations.

Atentamente,



Pascale de Robert